

O PANORAMA.

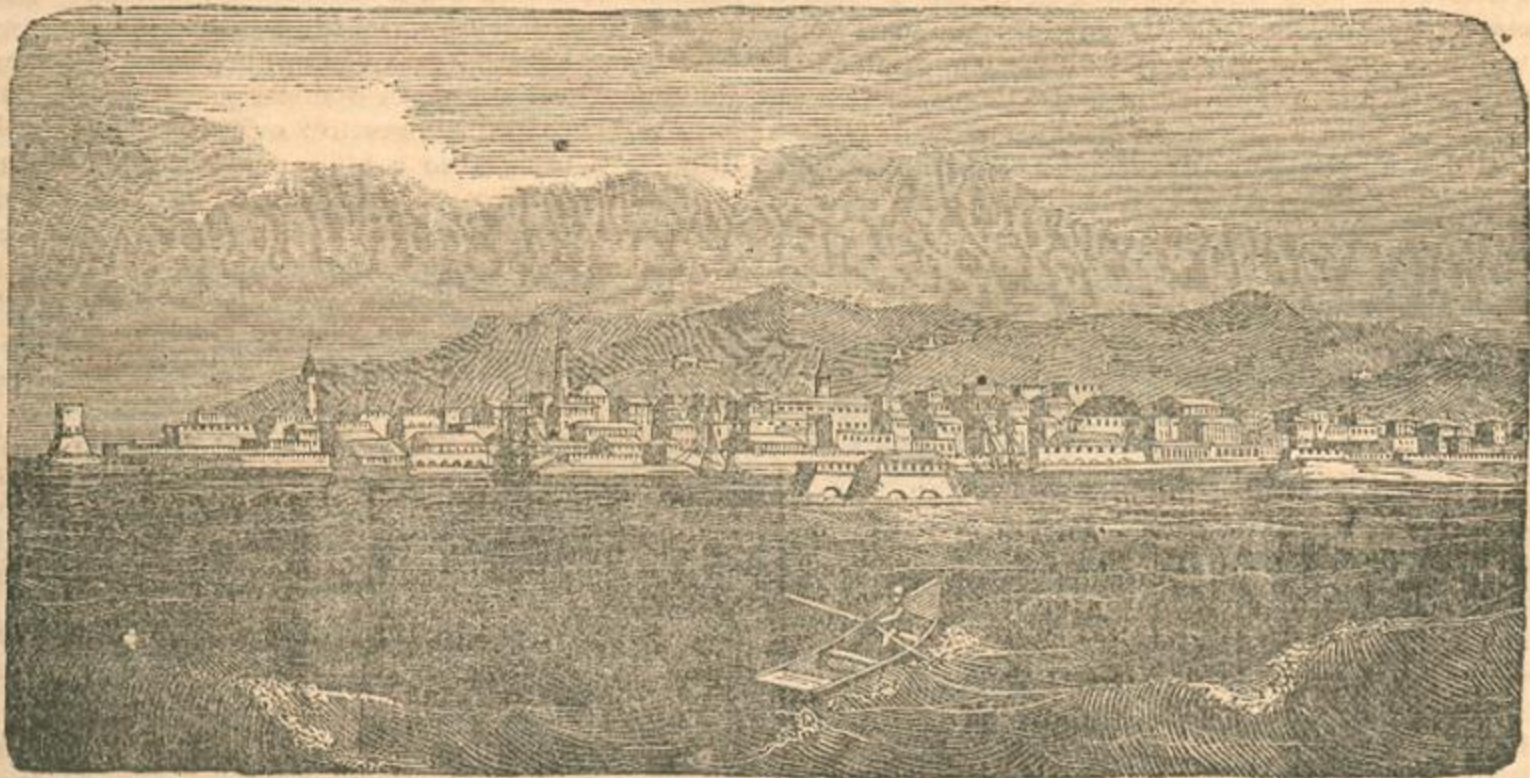
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO
DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

103)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(ABRIL 20, 1839)



VISTA DE MESSINA.

A situação da Sicilia entre a Europa e a Africa contribuiu para a tornar a ilha mais commerciante do Mediterraneo: era porém necessario que uma administração regular, um systema de commercio bem entendido facilitassem os meios de prosperidade, que naturalmente offerece a natureza e posição do paiz. Basta dizer que em quanto o caminho de Montreale para Alcamo fôr a unica estrada real da ilha, as dificuldades da comunicação interna se oppoão aos progressos da agricultura n'um solo fertilissimo. Não poremos aqui mais a este respeito, porque assaz dissemos n'um artigo especial sobre este objecto em o N.º 14 pag. 106 do 1.º vol. O clima da Sicilia é summamente temperado, exceptuando quando sopram os ventos meridionaes, e os frios de Março. As colheitas dos cereaes em nenhuma parte são tão abundantes e excellentes; o siciliano reputaria mesquinhas as mais bellas seáras de qualquer dos paizes da Europa comparadas ás suas. O aloes, a figueira da cochonilha, todos os fructos e plantas dos climas quentes prosperam neste paiz; até a palmeira das tamaras fructifica excellentemente; os seus vinhos são preciosos; a canna do assucar póde reputar-se indigena na costa fronteira á Africa; e ha quem affirme que a planta do café cresce bravia nesta parte da ilha. Abandonos são estes de antigas cultivações, e de que os habitantes hoje não sabem tirar proveito, ou não podem.

A cidade mais proxima das costas de Calabria, reino de Napoles, é Messina, fundada, segundo se julga, dez seculos antes da nossa era. O seu nome primitivo, ao dizer de Thucydides, historiador grego, foi Zancle, que significa *fouce*; nome que lhe foi dado pela fórma de seu porto; isto e as conjecturas historicas fazem suppor que a sua origem foi grega. Tres ou quatro seculos depois da sua fundação, o cabeça de uma nova colonia de gregos, os messenios, apossou-se da cidade, e d'ahi lhe veio o nome

VOL. III.

de Messana, hoje Messina. Os povos da Campania a possuiram depois; passou pelas fortunas e revezes de carthaginezes e romanos, como toda a Sicilia; e seguiu em tempos modernos a sorte dos principes da ilha, e ultimamente dos reis de Napoles. Não nos demoraremos nas famosas *vesperas sicilianas*, ou assassinato simultaneo de todos os francezes residentes na ilha, por ser factó bastante conhecido.

A peste de 1743 fez tal devastação que reduziu o numero dos habitantes de Messina de cem mil a trinta mil. O famoso terremoto de 1783 a destruiu completamente: a basilica de S. Nicolau, o seminario, a egreja dos Theatinos; todas as suas maravilhas e curiosidades se aniquilaram. Foi espantosa a perda dos monumentos das artes, das bibliothecas, de ricos quadros &c. — Em meio de tão horrivel catastrophe só a probidade da respeitavel classe commercial ficou de pé sobre as ruinas da patria: não houve uma só banca-rôta.

Reedificou-se depois a cidade por um plano regular; mas não tem podido chegar á sua importancia e população anterior. Ergue-se em fórma de amphitheatro na falda das montanhas, que espalham por toda a Sicilia as suas ramificações, e que muitos tem por uma continuacão dos Apenninos da terra-firme. As cumiadas destas serranias confundem-se com o azul dos ceus; milhares d'especies de plantas sempre verdes pendem em festões pelos declives cortados pelas torrentes, e sobranceiros aos palacios de Messina. Abaixo da cidade fervem as ondas do estreito do seu nome, que separa a ilha do continente italiano, e onde outrora os escolhos e voragens de Scylla e Carybdis atterravam os viajantes.

A' direita de Messina um promontorio de rochedos e arêas, bojando em fórma de semi-circulo, faz uma enseada espaçosa e segura. Uma vasta cidadella, muitos fortes, e baterias ao lume d'agua, defendem a entrada do porto, que passa por um dos mais bellos

do Mediterraneo. No estreito o fluxo e refluxo são rapidos, de seis em seis horas.

As ruas da cidade são boas, e calçadas da lava, que vomita o Etna, ruim visinho da Sicilia. O caes seria d'extremada belleza, se as casarias que o guarnecem não appresentassem o aspecto d'edificios arrasados na altura do primeiro andar, onde se veem columnas e pilastras truncadas, como se lhes quizessem diminuir a altura por medo dos tremores de terra. Quatro a cinco praças vastas, mas irregulares, são mais notaveis pela profusão que pelo bom gosto e escolha dos ornatos; a todas aformoseam fontes de marmore e estatuas de bronze, de mediocre desempenho. O paço real tem uma architectura simples e magestosa, mas não está acabado. As egrejas são ricas, como todas as da Italia, porém sobrecarregadas de ornatos sem boa disposição. A sé, erecta pelo conde Rogerio, é adornada com vinte e seis columnas antigas de granito egypcio, que a par dos enfeites gothicos do seculo 12.^o fazem uma extravagante aggregação.

O banco municipal, o lazareto, o hospital geral, e os montes de piedade são estabelecimentos uteis mui bem dirigidos, e que annunciam vigilante administração.

O sol da Sicilia derrama a sua influencia activa no character moral dos habitantes; as cabeças sicilianas são volcanicas como o seu territorio escaldado, como o seu clima. Este povo é esperto, alegre, espirituoso, dotado de imaginação exaltada, de paixões fogosas, e d'um amor violento pelo seu paiz: é hospitaleiro, generoso, e observante de suas promessas. Se alguns assassínios se commettem, são mais por vingança do que por cubiça; estas almas fervidas consideram a vindicta como um direito e um dever. Apesar da sua inercia physica, a sua actividade moral, e viveza intellectual offerecem tantos recursos que a educação o faria um povo talvez superior aos outros da Europa. Os governos, influentes na Sicilia até o presente, sim teem estabelecido casas de estudos superiores, onde se notaram por vèzes sabios illustres, porém, como por systema, todos abandonaram a instrucção elemental: não comprehendem que ensinar o povo, não é inicia-lo nas sciencias, mas sim nas verdades moraes, que tão facilmente se casam com as verdades religiosas. A instrucção primaria, diffundindo o uso da escripta e dos livros, inspira o amor da ordem e da economia, põe o povo em circumstancias de tirar proveito da leitura, e o mantém no sentimento dos seus deveres; além do que dispõe o agricultor e o artista para obterem os methodos melhores e adequados a seus respectivos estados. Será pois damnosa esta mudança nos costumes populares? Só fortes e bastiões, que protegem contra os alborotos os palacios dos grandes, serão os meios infalliveis de repressão? Não será mais facil de dirigir, e de manter em regular obediência, um povo instruido no respeito ás leis, do que outro que só conhece o imperio da força, e é submisso por medo? Nós assim o crêmos; e a historia o confirma.

Comtudo o ensino superior tem produzido sabios e escriptores distinctos na Sicilia; mas são como os meteóros brilhantes que não espancam de todo as trevas, que fulguram por intervallos, e não deixam vestigios. Em quanto as classes inferiores não gozarem do beneficio da instrucção geral, que lhes convém, poderá a um povo resultar gloria do catalogo dos seus sabios, mas não proveito.

O siciliano é um fervoroso espectador das festas religiosas; e precisa d'um culto externo que falle aos sentidos; carece de perfumes, de flôres, de musicas, de imagens. Póde dizer-se que abraçando o

christianismo transplantou para a religião de Christo o polytheismo de seus antepassados na pompa e accessorios de suas festividades. Conservou tambem dos mesmos o orgulho nacional com que se reputa acima de todos, e que fomenta entre as cidades principaes da ilha um ciume de preeminencia que suscita mil rivalidades. Messina disputa a Palermo a honra de capital, como outrora Athenas e Lacedemonia reivindicavam a supremacia politica.

O povo siciliano é quasi tão sobrio como o antigo espartano; e considera a embriaguez como vicio vergonhoso. Nos costumes campestres se notam ainda alguns vestigios dos usos gregos: os pastores folgam de disputar o premio do canto, que consiste n'alguns objectos domesticos, e é adjudicado por um que de entre si escolhem por juiz: as camponezas ainda conservam do trajo grego o veu comprido e o cinto largo. Á frente do artigo do vol. 1.^o, já citado no começo deste, pozemos uma gravura representando a festa das ceifas, restos evidentes da solemnidade paga em honra de Ceres, a deusa das searas.

O fim principal das reuniões nas cidades é o que em Italia chamam *conversazioni*; isto é, assembléas em casas particulares, ou em logares patentes aos que mediante uma subscripção tem o direito de ahí concorrerem; ha nellas salas para jogo, e outras para conversar.

Os namoros são o passatempo das senhoritas, que de raro sahem a pé, e nunca se veem senão no theatro, ou á missa. Todas professam, como é natural do sexo, grande paixão por enfeites; e seguem as modas francezas com muito esmero e elegancia: as mulheres sicilianas teem reputação de formosas.

Quem quizer avaliar os costumes publicos da Sicilia olhe para o dedalo inextricavel das leis que a regem, para a nuvem de advogados e de officiaes de justiça, que fomentam a mania dos processos, como em parte nenhuma. A justiça, com raras excepções, é venal; os agentes do governo fazem contrabando; os frades, que ainda ha poucos annos dirigiam a educação, e governavam muitas familias, não eram puros de costumes, e bastante contribuíram para cimentar abusos e arraigar superstições; a ilha era intransitavel em muitas partes por causa dos salteadores. Estes ultimos males acham-se em grande parte remediados; e consta-nos que no actual reinado se vão tomando medidas para supprimir tão lastimosas causas de corrupção: porém os funestos precedentes d'antigos máus regimens ainda deixaram effeitos nocivos, que só leis sabias, educação regular, e boa administração, poderão completamente desvanecer. O reino de Napoles com isto summamente ganha, porque a Sicilia é uma das suas mais bellas e interessantes possessões.

ASSUCAR DE CASTANHAS.

É VULGARMENTE sabido que a maior porção de assucar que se gasta em França é fabricado da beterrava, cultivada naquella paiz em grande abundancia, e que, além daquella utilidade, tem muitos outros usos. Mas não é só deste vegetal que se póde extrair assucar: muitas outras plantas, e fructos o contém, sendo um destes a castanha. É o nosso paiz riquissimo neste genero de fructo, e porventura delle poderíamos tirar o mesmo proveito que os francezes tiram da beterrava. Como é possível que alguém desejasse fazer sobre isso experiencia, achámos conveniente transcrever neste logar um artigo practico sobre a fabricação do assucar de castanhas, que se encontra em um dos volumes do Jornal dos Conhecimentos Usuaes.

Immediatamente á colheita das castanhas, estas se descascam, ou com o mangoal, ou obrigando a casca a abrir-se rolando um cilindro de pau bem pesado sobre camadas horisontaes de castanhas, ou, enfim, por outro qualquer methodo equivalente. Descascadas assim as castanhas, seccam-se da seguinte maneira.

Constroe-se uma casa á maneira de estufa, isto é, com uma especie de forno por baixo, onde se possa accender lume, tendo só uma porta, e alguns canudos nas paredes por onde possa sair o fumo: o pavimento da casa, que fica por cima, deve ser ladrilhado com adobes, o tecto bem vedado, e a porta e janella que tiver, serem fechadas hermeticamente, para se perder a menor porção de calor, que fór possível.

Estando tudo assim arranjado espalham-se as castanhas sobre o pavimento de adobes, e accende-se um lume bem forte no andar ou forno inferior, de modo que seja bastante para aquecer o ladrilho.

Á medida que o ambiente aquece, vão as castanhas seccando, e para a operação se fazer por igual deve haver cuidado em revolve-las com um rodo, para as virar, e facilitar a completa dessecação.

Logo que as castanhas estão perfeitamente seccas, o que se conhece pela dureza que ganham, e por se tornarem mui quebradiças, tiram-se do enxugadouro, põem-se em logar onde se possam guardar até o anno seguinte.

Passado este tempo, e antes de começar a operação de extrair o assucar, pizam-se grosseiramente as castanhas, de modo que cada uma fique em tres ou quatro pedaços, o que ao mesmo tempo facilita a separação da pellicula, que ás vezes está muito agarrada, e que será bom extrair quanto se poder, por meios simples e mechanicos.

As castanhas assim quebradas põem-se de infusão em agua, de modo que esta as cubra.

Passadas cinco ou seis horas, escoo-se-lhes pelo fundo a agua, cuja porção inferior está muito mais grossa que a superior.

Fecha-se o pipo ou torneira, e deita-se dentro da bolsa, ou lagar, onde estão as castanhas, nova porção d'agua, que se escoo do mesmo modo, passadas cinco ou seis horas, substituindo-a com terceira agua, que se torna a extrair da mesma maneira.

É prudente, principalmente no verão, pôr a ferver a agua das differentes infusões, á medida que se vae escoando da bolsa, para que não fermente, o que promptamente succederia, se não se tomasse essa precaução.

Como a agua, ao passo que dissolveu o assucar e as outras materias contidas nas castanhas, dissolveu tambem a albumina vegetal que nellas existia, esta, coagulando-se com o calor, clarifica perfeitamente a infusão, que fica reduzida a um terço pela evaporação: depois este terço se filtra, e por uma nova fervura se leva a calda a uma consistencia de mel de engenho [e], ou a 33 gráus do pesa-licores de Beaumé.

Para se fazerem estas evaporações, as caldeiras achatadas, largas, e pouco fundas são as melhores: a infusão deve ir-se fervendo em pequenas porções, para não estar muito tempo ao lume.

Ajuda-se a calda a produzir prompta e abundantemente assucar cristalizado, mechendo-o por alguns minutos, com uma escumadeira, de modo que lhe entre bastante ar.

A calda assim preparada deita-se em covilhetes, pratos, ou terrinas, largas de boca, e chatas, onde começa a cristalisar-se, tanto mais depressa, quanto

menor fór a profundeza do vaso, e maior o ambito da sua boca. O mecher a calda de quando em quando accelera a cristalização.

Quando a calda tem tomado um corpo bem consistente, desfaz-se outra vez em uma mui pequena porção d'agua, mette-se dentro de um sacco de panno bem tapado, e aperta-se assim em uma prensa.

Por este modo a substancia que fica dentro do sacco se reduz a uma especie de assucar mascavado, que, posto que tenha certo cheiro a castanhas, é mais secco, e menos escuro, que a maior parte dos assucares mascavados de canna, e que, refinando-se, póde facilmente levar-se ao mais subido gráu de pureza e alvura.

Quanto ás castanhas separadas da agua depois da terceira infusão, querendo aproveitá-las, mettem-se em uma prensa, ou entre taboas debaixo de grandes pesos, e bem expremidas, põem-se ao sol, ou ao vento, ou enfim na estufa, e ahí podem seccar dentro de tres horas; mas é necessario que isto se faça immediatamente, aliás começam a fermentar, e arruinam-se.

Quando secca esta massa faz-se por fóra escura, mas por dentro fica branca: moendo-a então em uma mó, produz menos má farinha, que misturada com arrasoada porção de farinha de trigo faz muito bom pão.

O auctor accrescenta que toda a casta de castanhas póde produzir, e produz, com effeito, assucar; todavia devem-se preferir sempre as mais doces, mais brancas, e que não se córaram muito no enxugadouro.

No verão, tendo-as tido guardadas por algum tempo, é necessario examinar, que não lhes haja entrado podridão ou bolor, o que succede, não as guardando em logar bem arejado, e livre d'humidade.

BARCO DE VAPOR EM 1543.

NA obra de Navarrete sobre as viagens e descobrimentos dos hespanhoes desde os fins do 15.^o seculo, se encontra a seguinte noticia que rouba ao americano inglez Fulton a gloria de ser o inventor da applicação das machinas de vapor á navegação.

Em 1543 Blasco de Garay, capitão de uma náu hespanhola, apresentou a Carlos 5.^o esta machina que tinha inventado para fazer mover grandes navios, sem velas, nem remos. Segundo o costume, houve quem não acreditasse nisto, e formou-se um forte conluio para embaraçar que a verdade se patenteasse por via de uma experiencia publica. Não seguiu o imperador este parecer, e por sua ordem, fez-se o experimento no porto de Barcelona, a 17 de Junho do mesmo anno. O inventor não publicou a descripção da sua machina; mas os espectadores viram que ella consistia, principalmente, em um apparelho para fazer ferver grande porção d'agua; em certas rodas que serviam de remos, e em um machinismo para lhes comunicar a acção do vapor da agua fervente.

Fez-se a experiencia em um navio de 200 toneladas, carregado de cereaes, e denominado a *Trinidad*, o qual era capitaneado por um tal Pedro Scarza, isto de ordem do imperador, e de seu filho Philippe 2.^o, que tambem esteve presente. Foram chamadas as seguintes pessoas para serem testemunhas do feito: D. Henrique de Toledo, o governador D. Pedro Cardona, o thesoureiro Ravago, vice-chancellor Francisco Galla, e muitos outros individuos distinctos, tanto castelhanos, como catalães. O imperador e seu filho ficaram mui contentes com a machina, e não menos os espectadores; mas o thesoureiro Rava-

(*) Veja-se o dictionario de Moraes na palavra melado.

go disse que ella não fazia andar a embarcação mais de duas leguas em tres horas, e que a caldeira expunha continuamente o navio ao perigo de uma explosão. Pelo contrario, affirmavam os outros que ella communicava ao navio um movimento mui suave, e a rapidez de uma legua por hora.

Depois desta experiencia, Garay mandou trazer para terra a machina; depositou no arsenal de Barcelona todas as peças della, que eram de madeira, e as outras levou-as para sua casa. Estes factos são extraídos dos registos originaes, que se conservam nos archivos de Simancas, entre os papeis de Catalunha e os registos da secretaria da guerra relativos ao anno de 1543.

AÇAMO PARA OS TOUROS.

PÓDE-SE submeter o touro ao trabalho, a sua obediencia não é, porém, segura, porque a natureza o fez indocil e feroz, e no tempo do cio é indomavel e mesmo furioso, qualidades estas que dão occasião a repetidos acontecimentos mais ou menos funestos. Para os prevenir, e mesmo domar tão robusto animal, tem-se imaginado açamos, com os quaes se consegue submete-lo ao dominio do homem, e tanto que elle póde ser jungido sem perigo, ou só, ou a um boi e mesmo a uma vacca, e ser então empregado nos trabalhos da agricultura.

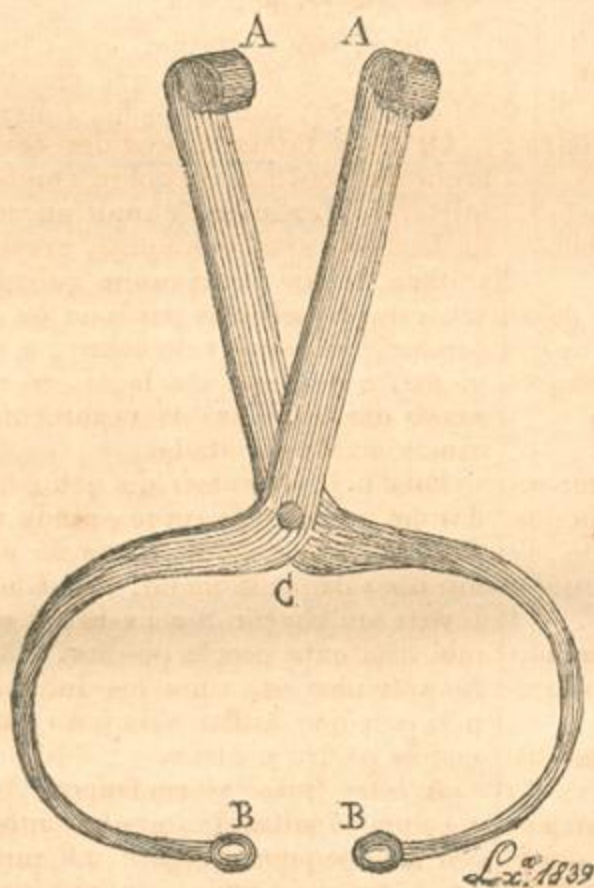
Neste artigo daremos noticia de dois, sendo o primeiro o que ha muitos annos é conhecido nas visinhanças de Roma e de Napoles, e o segundo o que foi imaginado por Bella, director do estabelecimen-

to agronomico de Grignou, em França, o qual vimos pôr em pratica quando visitámos esta eschola rural.

Açamo romano. — É uma especie d'aziar de ferro cujas pontas boleadas BB entrando nas ventas do animal comprimem, segundo se quizer, o septo que as separa; uma corda, ou loro amarrado a um dos anneis A, e que passa pelo outro para ser atado a um dos cornos, basta para se conservar o aziar na situação que se lhe der, no caso que o animal seja manso e já acostumado ao instrumento; se assim não fôr, ata-se então uma corda em cada annel, que se faz passar pelo outro, de maneira que se cruzem, amarrando-as depois separadamente a cada corno, dando-se assim ao instrumento mais solidez e força.

Este açamo é de tão facil construcção, que a simples inspecção da figura é sufficiente para guiar o ferreiro, que disso fôr encarregado, devendo, contudo, attender a que o eixo C não seja muito atarracado, para que os dois braços se possam abrir quanto seja preciso para o pôr e tirar com toda a facilidade, e a que as pontas BB sejam bem boleadas, para que não hajam de ferir a membrana do focinho.

Se o touro, ou o bufalo, não fôr muito indocil e feroz, facilmente se doma e castiga, apertando com a mão os dois braços do instrumento, que se conservam sempre a certa distancia um do outro; querendo, porém, sujeita-lo ao trabalho, amarra-se uma corda a um dos anneis, que se faz passar pelo outro, prolongando-a depois por entre os cornos para ser atada no carro, ou na rabiça do arado; por este modo o animal é corrigido e castigado, sem se desarranjar o conductor.



A figura 1 representa o açamo reduzido a metade da grandeza que deve ter; o seu comprimento de A a B é de seis pollegadas e meia, e a sua maior largura de tres pollegadas e dez linhas.

A parte desde C até AA é achatada, e curvando-se sobre si fórma os anneis AA; porém a parte BCB é redonda. Quando estiver fechado o açamo, isto é, quando se tocarem os anneis AA, as pontas BB devem ainda estar separadas cousa de uma linha.

A figura 2 representa a cabeça de um boi com o açamo.

Açamo imaginado por Bella. — Para se pôr este açamo, que se vê representado na figura 2, passa-se

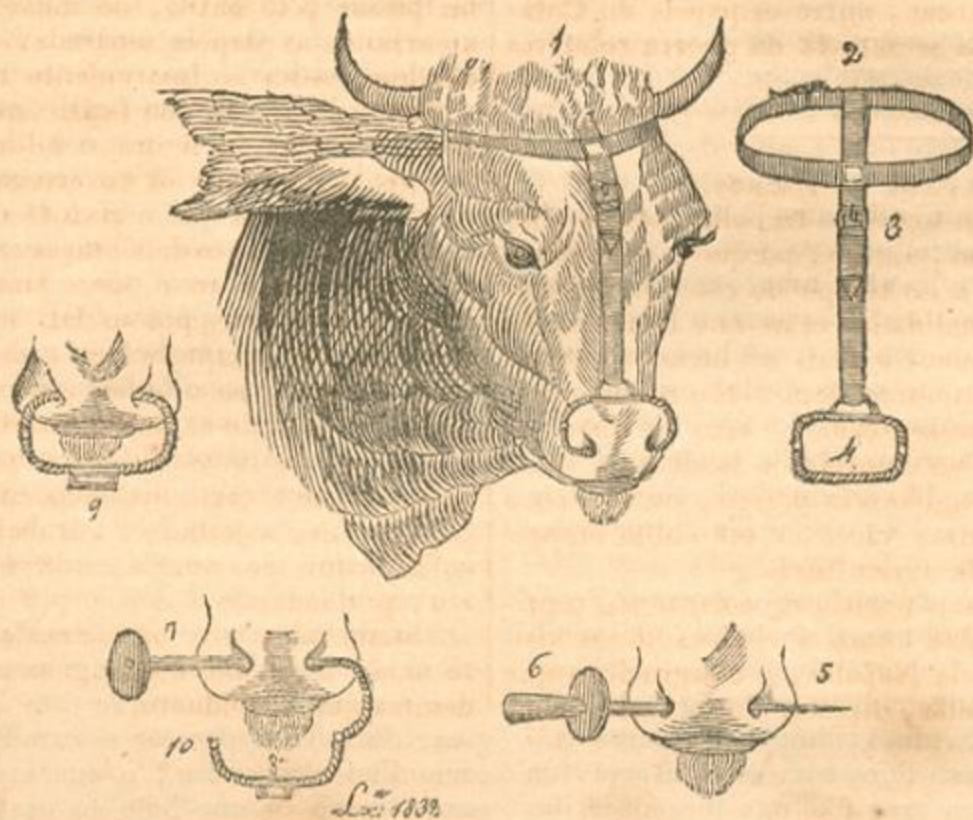
em volta dos cornos uma corda, estendendo uma das suas pontas pelo lado esquerdo da cabeça do touro, para mette-la na boca, dando-se-lhe uma volta de maneira que aperte o queixo inferior, cuja ponta será retida por um homem forte e vigoroso. Com outra igual corda, amarrada tambem nos cornos, se prenderá o animal a um poste, arvore, ou, o que é melhor, n'um tronco, tendo o cuidado de que a cabeça esteja um pouco horisontal, e o focinho para diante, para dar mais facilidade ao operador.

Este, munido de um trocate mettido na sua bainha de cobre, e mais grosso que o annel, o introduz na venta esquerda, mui proximo da ponta do foci-

nho, sem, contudo, a tocar, que agarra com o polegar e segundo dedo da mão esquerda, fazendo atravessar a membrana que separa as ventas, e isto d'uma vez, e sem repetir o furo. Isto feito, tira o trocate, deixando a bainha na ferida, na qual introduz a extremidade do anel, que atravessa o furo feito na membrana pelo trocate, logo que se retira a bainha; passada que seja a ponta do anel, fecha-se este, e atarraca-se bem a pequena cavilha de ferro. Finalmente põe-se a testeira de couro, que se aperta em volta dos cornos por meio de uma fivella, a

qual, servindo de apoio a um loro, retém o açamo acima do focinho.

Acontece muitas vezes ser preciso abater o touro para fazer a operação; neste caso deve-se pôr as péas de maneira que elle cáia sobre o lado esquerdo, e duas pessoas lhe segurarão a cabeça apoiando-se contra os cornos, finalmente outra pessoa pegará na corda que a passará em volta do queixo debaixo, para que a cabeça e focinho fiquem na devida posição, que facilite a operação.



N.º 1. Cabeça do touro armada da sua testeira com o loro que retém o anel ou açamo acima do focinho.

N.º 2. Testeira separada da cabeça do animal.

N.º 3. Loro da testeira.

N.º 4. Anel fechado e atarracado, sustido pelo loro, deixando ver a fivella e passadores.

N.º 5. Ponta do trocate, mettido na bainha, e atravessando a membrana que separa as ventas.

N.º 6. Cabo do trocate.

N.º 7. Bainha do trocate, atravessando a membrana, e na qual se tem introduzido a ponta do anel.

N.º 8. Anel aberto, prompto a ser introduzido nas ventas.

N.º 9. Anel introduzido a través da membrana, fechado e atarracado, mas sem ser sustido pelo loro da testeira.

N.º 10. Pequena cavilha de ferro que reúne as duas pontas do anel.

Parece-nos dever-se preferir o açamo romano por ser mais fácil de pôr, por ser mais economico, por se poder proporcionar o castigo á indocilidade do animal, finalmente por não se rasgar o focinho, poupando-lhe assim as dores, que o podem tornar mais bravo do que era, e mais difficil de domar. — *F. J. P. Rubião.*

PERIGOS DA LOUÇA DE COBRE.

No JORNAL dos Conhecimentos Usuaes [tomo 19] se encontram observações mui sisudas ácerca do uso da louça de cobre nas cosinhas, ou para ter agua; quer seja para a comida, quer para beber, e de tal gravidade achámos as reflexões do auctor do artigo, que as porêmos aqui resumidamente.

Os casos fataes succedidos em virtude do pouco aceio das vasilhas de cobre empregadas em diversos misteres de cosinha são multiplicadissimos: mas, ainda havendo grande limpeza, graves danos teem resultado, só por se deixarem guisados temperados com vinagre, depositados por uma ou duas horas, em çarolas, ou panélas de cobre; e nos Annaes de Hygiena, e de Medicina legal, se encontram innumeraveis exemplos de envenenamentos produzidos pelas causas acima apontadas.

Está hoje demonstrado que os alimentos preparados em vasilhas de cobre, ainda que sejam estanhadas, contém sempre, mais ou menos, quantidades minimas daquelle metal. Mr. Chevreul, membro do Instituto, chegou a acha-lo em caldo, posto que em mui diminuta porção; — mas lá estava. Ora, d'onde provinha este cobre? — Indubitavelmente da panela em que tinha sido feito, ou das balanças em que se pesára a carne.

A estes factos se contraporá, por certo, 1.º que o cobre só entrará nos alimentos, por esse modo, em mui pequena porção: 2.º que certas substancias, como, por exemplo, o vinho, e o pão, contém ás vezes cobre; o que é verdade.

Responde-se á primeira objecção que, sem duvida, a porção de cobre que se mistura com a comida, é, por via de regra, mui diminuta, mas tambem, algumas vezes, é avultada, e que essa porção, grande ou pequena, não se mistura com ella á vontade do cosinheiro, e que varia segundo a especie de alimentos; sendo maior nas comidas acidas, e minima nas que não o forem.

Além disso, quem ousará affirmar que pequenas doses de oxido de cobre, tomadas diariamente, e duas ou tres vezes ao dia, não tem acção na economia animal, e não causem, pelo tempo adiante, al-

guma perturbação nas funções vitas! Não é cousa sabida que todas as preparações de cobre são agentes mui energicos; são venenos, mais ou menos violentos? E, se a medicina homœopathica não é um systema vão, e um embeleco de parvos, devemos ter grandissimo receio dos vasos de cobre. Sabe-se, com effeito, que os medicos homœopathistas fazem maravilhas com medicamentos energicos, mas em tão fracas doses, que só a imaginação as póde conceber. Assim, no sentir de taes medicos, quanto menor fosse a porção de cobre que se tomasse, mais haveria que recear.

Quanto á segunda objecção, responde-se que se os alimentos contêm naturalmente cobre, por isso mesmo não se lhes deve acrescentar mais, preparando-os em caçarolas deste metal.

Nada ha, portanto, melhor, para prevenir um envenenamento lento ou subitaneo, do que deixar de usar de louça de cobre.

Aqui, naturalmente, entra uma questão importantissima de policia medica. Não poderia haver uma lei que prohibisse aos toucinheiros, salchicheiros, cortadores &c., o usarem de vasos de tal especie, de modo que de prepararem nelles os objectos de seu commercio não resultasse damno á saude publica, assim como não é permittido aos boticarios e droguitas vender, a pessoas não conhecidas, drogas venenosas?

Não ha a menor duvida em que o governo, cuja missão é proteger os interesses de todos, possa tomar a iniciativa nesta importante questão, pelo que respeita ás casas de venda, visto que não póde, sem violar a liberdade individual, impôr a mesma restricção aos particulares. Para com estes a acção da auctoridade reduz-se ao exemplo que lhes póde dar nas cousas que estão a seu cargo, como hospitaes, ranchos de regimentos &c. Aos escriptores publicos, porém, incumbe dar bons conselhos sobre esta materia, e apontar os factos, desgraçadamente tão vulgares, dos envenenamentos produzidos pela louça de cobre.

HISTORIA DA ILLUMINAÇÃO DAS RUAS.

Á proporção que nos habituâmos ao uso de algum instrumento, ou á generalisação de algum costume, esquecemo-nos facilmente dos costumes e usanças que d'antes havia, e pintamos o passado como semelhante ao presente. Todavia bom é saber o que antigamente havia, quando mais não seja, para podermos dar seu preço aos bens e commodos que actualmente gozâmos. Uma das muitas cousas que a nossos avós faltavam, e desgraçadamente ainda falta em muitas povoações importantes do reino, é a illuminação das ruas das cidades durante a noite, o que tanto facilita o transitio, e ajuda á segurança dos individuos que a essas horas as frequentam.

Parece não haver testemunho nenhum que prove que, na antiga Roma, com toda a sua grandeza e poderío, houvesse alguma providencia publica para allumiar as ruas de noite. Os romanos, saindo das suas visitas nocturnas, tinham de levar archotes, ou lanternas, ou de irem para casa ás apalpadelas. Comtudo, no 4.º seculo, era Antiochia mais affortunada que Roma, a tal respeito; porque em algumas de suas ruas principaes tinha alampadas, penduradas em cordas, juncto dos banhos e de outros logares publicos. Quando havia lucto publico, estas lampadas não se accendiam, em signal de tristeza.

Todavia o costume de allumiar as ruas só passados muitos seculos se generalizou. Parece que Paris foi a primeira cidade onde houve candieiros nas ruas, e

isto só começou no seculo 16. Andava a cidade, naquella tempo, mui ingada de ladrões nocturnos, e, por isso, deu-se ordem aos habitantes para terem luzes accesas diante das casas durante a noite. Mas em 1558 as auctoridades municipaes tomaram a si este negocio, e mandaram pôr *fallots* nas quinas das ruas principaes. Estes *fallots* eram grandes vasos, cheios de pez, resina, e outros combustiveis; mas o modo de regular o lume era tão difficiloso, que brevemente foram substituidos pelas lanternas. Estas eram, porém, mui poucas; e disso se aproveitou um italiano, chamado Laudati. Em 1622, obteve um privilegio para estabelecer, não só em Paris, mas tambem nas outras cidades do reino, barracas, ou póstos, onde se alugavam lanternas, que qualquer podia levar, ou [pagando mais alguma cousa] com que pessoas, que disso viviam, os iam allumiar pelo caminho. Laudati foi auctorizado para receber de qualquer pessoa que ia de sege, 5 soldos de aluguer de uma lanterna, por quarto de hora, e de cada passageiro de pé 3 soldos. Para impedir disputas sobre o tempo que se gastava, determinou-se que com cada lanterna andasse uma ampulheta bem regulada.

Poucos annos depois deste periodo, as lanternas fixas se melhoraram e augmentaram muito. Até então tinham sido usadas só nos quatro mezes d'inverno, e desde essa epocha se accenderam durante todo o anno.

Pelo meiado do seculo passado, o intendente da policia de Paris offereceu um premio a quem inventasse o melhor candieiro de ruas que se podesse imaginar. Isto fez apparecer os candieiros de *reverbero*, como lhes chamavam, e que eram pouco mais ou menos como os que hoje se usam em Lisboa e no Porto, e ainda em muitas partes de França. Os candieiros estavam pendurados n'uma corda, passada de lado a lado da rua, ao meio della, em altura tal que os carros e seges podessem passar por baixo.

Em Londres, saíu um decreto, no anno de 1668, para que os habitantes pendurassem lanternas diante das casas; e em 1690 se reforçou esta medida mandando-se a todos os logistas que pozessem uma luz de fóra da porta, todas as noites, desde o S. Miguel até os fins de Janeiro, accendendo-as ao anoitecer e tirando-as á meia-noite. Em 1716, o corpo municipal ordenou que todos os logistas, em todas as noites escuras, fosse em que mez fosse, pendurassem fóra de casa um ou mais candieiros, com torcidas sufficientes para estarem accesos desde as seis até as onze da noite, com a pena de um schelling de condemnação.

Além destas luzes particulares havia alguns candieiros postos pela municipalidade, e para os quaes contribuiam os logistas que não os accendiam por sua conta. Achou-se, todavia, que este methodo era muito imperfeito; e em 1736 a municipalidade requereu ao parlamento licença para tractar por outro modo da illuminação da cidade. O resultado disto foi porem-se pelas ruas de Londres perto de cinco mil candieiros.

Em Amsterdam, publicou-se uma postura em 1699, na qual se ordenou aos limpa-candieiros que os limpassem todos os dias, e que não se prendessem cavallos aos pilares em que estavam postos; do que se conclue que já então alli havia candieiros, fixos em pilares.

Copenhagen, a Haia, Veneza, Messina, Palermo, Hamburgo, Madrid, e outras cidades, adoptaram o costume de allumiar as ruas em varias epochas durante os seculos 17.º e 18.º. Em Roma, ainda no fim do seculo passado não havia candieiros de ruas;

mas o papa Sixto 6.^o ordenou, que as lampadas postas diante das imagens dos sanctos fossem augmentadas, com o fim de diminuir alguma cousa a escuridão das ruas.

Em Berlim começou a illuminação por se mandar aos donos das casas, de tres em tres edificios, que pendurassem uma lanterna fóra da porta, correndo assim a roda por todos cada tres dias. Depois puzeram-se candieiros fixos, á custa dos habitantes; finalmente o governo tomou a seu cargo a illuminação publica.

Em Vienna era este um dos maiores gravames dos moradores da cidade, posto que não estivesse a seu cargo a despeza della; porque era obrigado cada qual a levar o candieiro, que tinha á sua porta, ao armazem da illuminação, para lh'o encherem de azeite, e ao anoitecer devia accende-lo ao correr de um sino que se tocava para isto. Por 1780 formou-se um corpo de accende-candieiros, fardados e com disciplina militar, e Vienna ficou sendo desde então uma das cidades mais bem illuminadas.

Lisboa só no principio deste seculo foi illuminada, posto que desde os primeiros annos do reinado de D. José o celebre D. Luiz da Cunha o tivesse proposto entre os outros conselhos que deu áquelle principe, na carta politica, que lhe escreveu antes de elle subir ao throno. Deve-se porém aqui notar que o simples machinismo de ferro, com que em Lisboa e no Porto se erguem e descem os candieiros, tem uma grande superioridade ás roldanas e cordas, com que em França ainda usam suspende-los, principalmente nas cidades de provincia.

De todos os inventos, porém, relativos á illuminação das ruas, a luz de gaz é a cousa mais digna de se mencionar. Em 1792 Mr. Murdoch fez algumas experiencias sobre a possibilidade de extrair gaz inflammavel de certas substancias, e em 1797 allumiou a fabrica de Soho com gaz extraído do carvão de pedra. Em 1803 Mr. Winsor allumiou o theatro do Lyceu com gaz; e no anno seguinte, uma grande fabrica de algodão em Manchester foi da mesma maneira illuminada. Estas, e algumas tentativas mais, que deram bons resultados, derivaram a attenção do publico para este objecto: — formaram-se companhias — estabeleceram-se depositos de gaz — encheram-se as ruas de canudos para o conduzirem — e as principaes lojas de Londres começaram a allumiar-se por esse modo, e ultimamente a illuminação das ruas se fez de gaz. Tão rapidamente se propogou o uso d'elle, que a custo se achará actualmente em Londres um pateo, ou viella, e até qualquer loja decente, que não seja allumiada com gaz; e já pelas outras cidades principaes daquelle paiz está em voga o mesmo systema de illuminação.

RETRATO DOS JANISAROS POR UM AUCTOR TURCO. [*]

Nas desgraçadas campanhas dos ultimos tempos como era composto o corpo dos janisaros? — Os seus embusteiros officiaes, que annunciavam haver em effectivo serviço cincoenta ou sessenta mil homens, tinham apenas um bem diminuto numero delles; e estes não passavam de uns miseraveis, cuja occupação era vexar os habitantes de Constantinopola; eram luctadores, mariolas, pasteiros, barqueiros, ou rufiães de encrinsilhadas, que, pela paschoa, costumavam estender no chão o manto para obrigarem os subditos christãos que passavam a deitarem alli al-

gum dinheiro; individuos perversos que trabalhavam por inspirar temor, e por tomar os modos de homens ousados, mostrando orgulhosamente o signal da sua companhia gravado no braço, e passeando com as pernas nuas, e cubertos com um turbante enorme de téla grosseira, que lhes passava tres palmos para cima da cabeça; valentões, que nunca tinham pegado em uma espingarda, e só déstros em menear o cachimbo, os remos, e as ferramentas de seus officios; que se lisongeavam de não lhes ser preciso para vencer, senão mostrarem as armas, gritando tumultuariamente, e que diziam: em eu despojando um inimigo, e em lhe tirando o cavallo, fugirei para a minha terra: soldados bisonhos, que, no momento do combate, mettiam nas armas primeiro a balla e depois a polvora, ou que, persuadidos de que, quanto maior fosse a carga, mais longe devia alcançar o tiro, carregavam sem conta as espingardas, de modo que estas arrebentavam, e com os estilhaços matavam ou feriam os seus camaradas ou a si proprios: cavalleiros ridiculos, que, em tirando a espada da bainha certo estava partirem as redeas do cavallo, cortarem-lhe alguma orelha, ou ferirem-o no pescoço; e depois gritavam com voz de triumpho; avança, cavallo! — dando assim materia de riso a todos os que isto presenciavam.

Era com este tropel de individuos, alcunhados de janisaros; com estes bandos de miseraveis, que nem sabiam haver-se com as armas, que os generaes saíam de Constantinopola, para irem assentar seus arraiaes na planicie de Davud-Pacha. Apenas alli chegavam, a maior parte destes chamados soldados, com a idéa de se apossarem das rações, que os officiaes ainda não tinham recebido, deixavam os seus camaradas, e voltavam para a cidade, sem que os cabos de guerra lhes tolhessem o passo; seguiam os outros seu caminho, e as affrontas feitas aos mussulmanos, a ladroíce, o sacco, o assassinio eram os rastos que deixavam da sua passagem.

Quando paravam em alguma villa ou aldêa, penduravam nas taboetas das lojas, quer os donos da casa lh'o consentissem, quer não, papeletas em que desenhavam os signaes particulares dos seus *ortus* [companhias] e aos desgraçados fabricantes e artifices tiravam parte do salario, que ganhavam, dizendo que era para se pagarem da honra que lhes faziam. Chegando, finalmente ao theatro da guerra, muitas vezes antes de encontrarem o inimigo, e sabendo apenas que elle se approximava, saqueavam os seus proprios arraiaes, e fugiam, deixando o paiz nas mãos dos invasores.

Outras vezes, em quanto os guias e diversos corpos da cavallaria mussulmana pelejavam com os infieis, os janisaros se deixavam ficar no acampamento, e viam o combate de longe. Alguns delles, dando poucos passos para diante dos vallos, carregavam a custo as espingardas, e atiravam, por se mostrarem valentes. Se lhes diziam: — “ não atireis d'ahi; que entre vós e o inimigo estão mussulmanos, e as ballas irão ferir vossos irmãos ” — respondiam elles: “ não vos dê isso cuidado: — as nossas ballas conhecem os inimigos, e não erram o alvo. ”

Se qualquer dos seus era ferido por algum projectil, começavam logo a gritar — “ morreu o camarada; morreu o camarada! ”

Então lançavam mão d'elle, levavam-o para um lugar escuro, abriam-lhe a cova, depois de lhe tirarem as armas e os vestidos, posto que respirasse ainda, e que até fosse possível cura-lo.

Este costume atroz era cousa sagrada para elles; e o seguinte factó foi-me narrado por um official, pessoa digna de credito. Varios janisaros tractavam

(*) Veja-se a origem e fim desta celebre milicia a pag. 397 do 2.^o volume.

de dar, por este modo, cabo de um ferido que, com gemidos, lhes pedia que não o enterrassem vivo — “chegou-se a elles o official, e perguntou-lhes, porque queriam enterrar um homem que estava vivo.” — Ao que responderam: “Deixae-o clamar: — elle morreu ha muito, e agora é a sua alma perturbada que ainda grita.” — *Essad-Effendi — Da Destruição dos Janisaros.*

EMBRIAGUEZ NAS ILHAS BRITANNICAS.

Em uma discussão que houve na camara dos communs, em 1834, sobre a nação, relativa á embriaguez, Mr. Buckingham traçou um quadro medonho das funestas consequencias, que produz, entre o povo inglez, o habito da intemperança e das bebidas espirituosas. Citou uma certidão dos medicos encarregados do hospital dos doudos de Hamwell, na qual se attestava que de cada 100 individuos, entrados no hospital, ha 72 cuja alienação mental se deve attribuir á embriaguez. O orador accrescentou, que para se poder, por seus olhos certificar de quanto estava enraizado este habito da intemperança, tinha tido a paciencia de se ir metter todo um dia em certa taberna de uma das principaes ruas de Londres, e que tinha visto entrar alli, na roda do dia, 2:800 homens, 1:855 mulheres e 289 creanças. “Verifiquei, disse elle, que, aos domingos, o numero dos freguezes rastejava pelo dobro; e o dono da bodega me declarou que vendia bebidas por semana, a quasi 269:450 homens, 108:590 mulheres, e 142:450 creanças. Não é só em Inglaterra, que a gentalha se entrega a este hediondo vicio; porque actualmente a embriaguez não é menos commum na Escocia e na Irlanda. Citaram-me neste ultimo paiz uma povoação, onde entre 800 habitações havia 25 tabernas.”

Facilidade extraordinaria de aprender linguas. — O professor Mezzofanti, de Bolonha, que ainda alli vivia em 1825, fallava 32 linguas entre mortas e vivas. Mezzofanti endoudeceu em 1832, e misturava todas estas diversas linguagens nos seus discursos. Entre outras fallava a lingua dos ciganos, que elle affirmava ser um dialecto dos Pariás do Indostão.

Zelo pelas missões. — Calculou-se em Inglaterra que excediam o numero de 5:000 as senhoras que regularmente se entreteem em pedir esmolas para favorecer a sociedade das missões da igreja anglicana, por subscrições de um penny. As sommas que se ajunctam annualmente por este modo, sobem, pouco mais ou menos, a 15:000 libras esterlinas, ou mais de 60 contos de réis.

Quintino Durward — Novella de Walter Scott traduzida pelo Sr. A. J. Ramalho e Sousa. Lisboa 1838 — 9 — 4 vol. — 3.^o — Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis. —

A mesma obra — traduzida pelo Dr C. L. Moura. Paris 1838 — 4 vol. — 12.^o — Livraria d'Aillaud.


PARCE a muitos que a traducção de uma novella é a cousa menos importante, e talvez mais escusada do mundo: — em these poderá ser isto verdade: em hypothese nem sempre. Pegar ao acaso em uma dessas mil novellas que os francezes atiram á imprensa annualmente, como mercadoria para commercio, e traduzi-la em portuguez chôcho e bastardo, entra na

these; mas trasladar uma novella, como algumas de Walter Scott, onde ás vezes se aprende mais historia que nos livros dos historiadores — porque estes narram successos, e aquellas pintam epochas e gerações — e traslada-la em portuguez corrente e limpo, longe de ser cousa inutil, é um bom serviço que se faz á litteratura portugueza. São as novellas os livros que por maior numero de mãos correm, e, quando instructivas e vertidas em boa linguagem, podem, por isso mesmo, fazer grande beneficio, não só instruindo e deleitando; mas habituando o vulgo dos leitores a pouco a pouco se aborrecerem dos concertos, barbarismos, e neologismos escusados, de que anda inçada essa linguagem de novellas e conversações, a que chamam, cremos que por escarneo, lingua portugueza. Nesta hypothese entra, em nosso entender, a traducção do Quintino, feita pelo Sr. Ramalho.

Todas as pessoas que teem lido no original as obras de Walter Scott, sabem quão grande difficuldade achará quem quizer traduzir com primor qualquer de suas novellas, e poemas. Essa difficuldade venceu-a o Sr. Ramalho excellentemente, dando-nos na sua traducção, com toda a energia, natureza, e verdade, as galas nativas com que o escriptor escocês adornou o seu Quintino.

Infelizmente, não podemos dizer o mesmo da versão feita em Paris: o Sr. Moura, posto que mais aprimorasse esta obra do que a traducção do Ivanhoe, ainda está longe de merecer os elogios que de bom grado lhe déramos, se nossa consciencia nos não obrigasse a ser justos. Serviu-se, segundo nos parece, da versão franceza de Defauconpret, que por certo não é a mais fiel. Foi por isto, talvez, que a sua traducção tem o gravissimo defeito de estar incompleta, faltando-lhe a *conclusão* da obra, que o auctor escreveu muito depois de ter publicado o seu livro, e que se acha nas edições inglezas mais modernas, bem como na versão franceza de Montemont, que, a não traduzir do original, o Sr. Moura devia ter antes seguido. Logares houve tambem que, ou por estarem mal dados por Defauconpret, ou por mal os entender o Sr. Moura, desdizem essencialmente do original. Outros, difficeis de verter, julgou conveniente supprimi-los; e este, em nosso entender, é um dos grandes defeitos do livro.

Não podemos, por tanto, deixar de dar grande preferencia á traducção do Sr. Ramalho e Sousa, o qual, em verdade, tem feito um bom serviço ás letras portuguezas, trasladando para a nossa lingua o Ivanhoe, e o Quintino.

 *A Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis previne aos S.^{tes} Assignantes e Accionistas, cujas assignaturas findam em Abril com o N.^o 104, de que lhes continuará a remessa do Jornal em nova assignatura, por 8 mezes até Dezembro corrente, para a equalar com o anno civil; preço 850 réis. Roga-se porém áquelles S.^{tes}, que não quizerem continuar, que assim o façam constar em tempo a esta Direcção.*

Escritorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo
N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.